

# Rumo a uma nova solidariedade

**Durante três anos e meio, a nossa «Peregrinação de Confiança através da Terra» procura formas de pôr em prática os apelos desta carta a uma nova solidariedade.**

**Uma nova solidariedade que pode associar todos os que são peregrinos da paz, peregrinos da verdade, crentes ou não crentes.**

**Três anos e meio para permitir que jovens de todos os continentes mobilizem as suas energias, congreguem as suas expectativas, as suas intuições e as suas experiências.**

**2012: Abrir caminhos de confiança entre as pessoas.**

**2013: Desobstruir as fontes da confiança em Deus.**

**2014: Procurar a comunhão visível de todos os que amam Cristo.**

**2015: Ser «sal da terra».**

**E, para reunir esta procura e retomar alento,**

**em Agosto de 2015:**

**Em Taizé, encontro por uma nova solidariedade**

**75º aniversário da Comunidade de Taizé  
100º aniversário do nascimento do irmão Roger**

**Para que o maior número possível de jovens seja escutado, este encontro está a ser preparado com encontros mais pequenos em todos os continentes.**

A oração conduz-nos simultaneamente em direcção a Deus e em direcção ao mundo.

Tal como Maria Madalena que, na manhã de Páscoa, vê Cristo vivo, somos chamados a partilhar esta boa notícia com os outros.<sup>15</sup>

A vocação da Igreja é a de reunir, na paz de Cristo, homens, mulheres e crianças de todas as línguas e de todos os povos, através do mundo. Ela é o sinal de que o Evangelho diz a verdade, ela é o Corpo de Cristo, animado pelo Espírito Santo. Através da Igreja, «Cristo de comunhão»<sup>16</sup> torna-se presente.

«Quando incansavelmente a Igreja escuta<sup>17</sup>, cura e reconcilia, ela torna-se aquilo que há de mais luminoso em si mesma, uma comunhão de amor, de compaixão e de consolação, reflexo límpido de Cristo ressuscitado. Sem distâncias ou atitudes defensivas, liberta de severidades, ela pode fazer reflectir a humilde confiança da fé nos nossos corações humanos.»<sup>18</sup>

## PROCURAR SER «O SAL DA TERRA»

Cristo de comunhão não veio para que os cristãos constituíssem uma sociedade isolada e à parte, mas envia-os para servirem a humanidade como fermento de confiança e de paz.<sup>19</sup> Uma comunhão visível entre os cristãos não é um objectivo em si mesmo, mas um sinal na humanidade: «Vós sois o sal da terra.»<sup>20</sup>

Através da sua cruz e da sua ressurreição, Cristo instaurou uma nova solidariedade entre todas as pessoas. A fragmentação da humanidade em grupos opostos já foi ultrapassada em Cristo; nele todos constituem

uma só família.<sup>21</sup> A reconciliação com Deus implica a reconciliação entre os homens.<sup>22</sup>

Mas se o sal perder o sabor... temos que reconhecer que nós, cristãos, ofuscamos muitas vezes a mensagem de Cristo. Concretamente, como podemos irradiar paz, quando permanecemos divididos entre nós?

Estamos numa altura da história em que é importante vivificar a mensagem de amor e de paz. Tentaremos fazer tudo o que for possível para que esta mensagem se liberte dos mal-entendidos e resplandeça na sua simplicidade original?

Poderemos nós, sem impor o que quer que seja, caminhar com aqueles que não partilham a nossa fé mas que procuram a verdade com todo o seu coração?<sup>23</sup>

Na nossa procura para criar novas formas de solidariedade e para abrir caminhos de confiança, há e haverá provações. Em certos momentos, poderá parecer-nos que estas provações nos submergem. Que fazer então? A nossa resposta às provações pessoais e às que pesam sobre outras pessoas não será amar sempre mais?

f. Alois

<sup>21</sup> Cristo disse: «Eu, quando for erguido da terra, atrairei todos a mim.» (João 12,32) E o Apóstolo Paulo: «Não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem e mulher.» (Gálatas 3,28)

<sup>22</sup> Ver Efésios 2,14-18. Cristo destruiu o muro de separação entre o povo de Deus e os outros. Todos têm acesso a Deus. A solidariedade não pode limitar-se à família ou ao próprio povo, ela ultrapassa todos os particularismos.

<sup>23</sup> Por exemplo, partilhando questões como estas: Qual o sentido da minha existência? O que dá rumo à minha vida? Que objectivo lhe dá unidade?

<sup>15</sup> Ver João 20,11-18.

<sup>16</sup> «Cristo de comunhão» é uma expressão do irmão Roger. O teólogo de Berlim Dietrich Bonhoeffer, por seu lado, forjou muito novo, com 21 anos a expressão «Cristo que existe enquanto comunidade». Ele escreveu que «por Cristo, a humanidade é realmente reintegrada na comunhão em Deus.» (Bonhoeffer, *Sanctorum communio*)

<sup>17</sup> Em toda a Igreja, um ministério de escuta poderia ser vivido por homens e mulheres que se consagrassem a isso. Há leigos capazes de exercer esta escuta, complementar à do ministério ordenado.

<sup>18</sup> Irmão Roger, *Viver em tudo a paz do coração*.

<sup>19</sup> Se este serviço implica ir contra a corrente de tudo o que desumaniza as nossas sociedades, ele vive-se principalmente e sempre num diálogo respeitoso e construtivo com as diferentes culturas do mundo e de cada época. «O fermento apenas mostra a sua força quando se coloca na massa, e não apenas quando se coloca, mas quando se mistura com a massa.» (São João Crisóstomo, Homília 46 sobre S. Mateus)

<sup>20</sup> Mateus 5,13.

Para que uma nova solidariedade entre os homens floresça a todos os níveis, nas famílias, comunidades, cidades, vilas e aldeias, entre países e continentes, são necessárias decisões corajosas.<sup>1</sup>

Conscientes dos perigos e dos sofrimentos que pesam sobre a humanidade e sobre o planeta, não gostaríamos de nos deixar tomar pelo medo e pela resignação.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Mesmo se a solidariedade humana sempre foi necessária, ela precisa de ser constantemente renovada, rejuvenescida através de novas expressões. Hoje, talvez como nunca antes na história, é vital que as novas gerações se preparem para uma partilha mais equitativa dos recursos naturais, para uma distribuição mais justa das riquezas, entre continentes e no interior de cada país.

<sup>2</sup> O impulso para uma nova solidariedade é possível. Alimenta-se da convicção de que a história do mundo não está determinada com antecedência. Recordemos nomeadamente estes exemplos: depois da II Guerra Mundial, meia dúzia de responsáveis políticos acreditaram, contra qualquer esperança, na reconciliação e começaram corajosamente a construir uma Europa solidária; uma revolução pacífica pôde mudar profundamente a situação das Filipinas em 1986;

E, no entanto, a bela esperança humana é continuamente ameaçada pelo desencanto. As dificuldades económicas cada vez mais pesadas, a complexidade por vezes esmagadora das sociedades ou a impotência perante as catástrofes naturais têm tendência a sufocar rebentos de esperança.<sup>3</sup>

o grande movimento popular polaco Solidariedade (Solidarność) preparou sem violência um caminho de liberdade para vários países europeus; a queda do Muro de Berlim em 1989 era inimaginável poucos anos antes de ter acontecido; na mesma altura, alguns países da América Latina avançaram no caminho da democracia e iniciaram um desenvolvimento económico desconhecido até então, que se espera que traga sem tardar proveito aos mais pobres; o fim do apartheid na África do Sul e a mão estendida de Nelson Mandela deram origem a uma reconciliação inesperada; mais recentemente, viu-se o fim das violências políticas na Irlanda do Norte e no País Basco.

<sup>3</sup> Os abalos da economia mundial questionam-nos. Os equilíbrios geopolíticos mudam. As desigualdades crescem. O que era seguro ontem, hoje deixa de o ser. Será motivo para nos interrogarmos ainda mais sobre as opções a tomar para a nossa vida?

Para criar novas formas de solidariedade, não terá chegado a hora de desobstruir ainda mais as fontes da confiança?

Nenhum ser humano nem nenhuma sociedade podem viver sem confiança.

As feridas de uma confiança traída deixam marcas profundas.

A confiança não é uma ingenuidade cega nem é uma palavra fácil, mas provém de uma escolha e é fruto de um combate interior. Todos os dias somos chamados a refazer o caminho que vai da inquietude à confiança.

## CONFIANÇA ENTRE OS HOMENS

Abrir caminhos de confiança responde a uma urgência: apesar de as comunicações serem cada vez mais fáceis, as nossas sociedades humanas permanecem compartimentadas e fragmentadas.

Há muros não apenas entre povos e continentes, mas também muito perto de nós e até dentro do coração humano. Pensemos nos preconceitos entre povos diferentes. Pensemos nos imigrantes, tão perto e todavia frequentemente tão distantes. Entre religiões permanece uma ignorância recíproca e os próprios cristãos estão separados em múltiplas confissões.

A paz mundial começa nos nossos corações.

Para darmos início a uma expressão de solidariedade, vamos ao encontro dos outros, mesmo que por vezes estejamos de mãos vazias, escutemos, tentemos compreender aqueles que não pensam como nós... e uma situação bloqueada pode assim transformar-se.

Procuremos permanecer atentos aos mais fracos, àqueles que não encontram trabalho... A nossa atenção aos mais pobres pode expressar-se através de um compromisso social. A um nível mais profundo, esta atenção significa uma abertura em relação a todos: os nossos próximos são também, em certo sentido, pobres que precisam de nós.<sup>4</sup>

Perante a pobreza e a injustiça, algumas pessoas revoltam-se ou sentem mesmo a tentação da violência cega. A violência não pode ser uma forma de mudar as

sociedades.<sup>5</sup> Contudo, precisamos de escutar os jovens que expressam a sua indignação para tentar compreender as suas motivações essenciais.<sup>6</sup>

O impulso para uma nova solidariedade alimenta-se de convicções enraizadas: a necessidade da partilha é uma delas.<sup>7</sup> É um imperativo que pode unir os crentes de diferentes religiões e também os crentes e os não crentes.

## CONFIANÇA EM DEUS

A solidariedade entre os homens poderia encontrar numa referência a Deus um fundamento sólido; no entanto, a confiança em Deus é frequentemente posta em questão. Muitos cristãos fazem essa experiência difícil nos seus locais de trabalho ou de estudo e, por vezes, nas suas famílias.

São numerosos os que não conseguem acreditar num Deus que os ama pessoalmente. São também numerosos os que, com muita honestidade, se questionam: como posso saber se tenho fé?

A fé apresenta-se hoje como um risco: o risco da confiança.

A fé não é em primeiro lugar uma adesão a algumas

<sup>5</sup> Em 1989, na Alemanha de Leste, nas vésperas da queda do muro de Berlim, os organizadores das manifestações nas ruas estavam atentos a que cada pessoa tivesse consigo uma vela acesa: uma mão segurava a vela e a outra protegia-a do vento, não ficando nenhuma mão livre para um gesto violento.

<sup>6</sup> Alguns jovens espanhóis empenhados em Madrid no movimento dos indignados escreveram-me: «Não sabemos o que poderá acontecer se a situação não melhorar. Há muitas pessoas no desemprego, que perderam a sua habitação e os seus direitos fundamentais, há muita confusão e exasperação por causa de um sistema jurídico, económico e social injusto, uma falsa democracia que não garante os direitos que estão inscritos na nossa Constituição: o direito a um alojamento digno, à integridade física e psíquica... Perguntou-nos o que poderia fazer por nós a Comunidade de Taizé. A nossa resposta é: pode fazer aquilo que já faz, ensinar-nos a guardar a paz interior. Contamos com a vossa oração e com o afecto que nos têm mostrado. Também podem informar os jovens que partilham as mesmas preocupações que nós.»

<sup>7</sup> Compreender, por exemplo, que os países ocidentais não são chamados, em primeiro lugar, a generosidade humanitária em relação a África, mas antes confrontados com a obrigação de fazer justiça a este continente. O mesmo acontece relativamente a outros países, como o Haiti, cujo povo, extremamente digno e autenticamente crente, tem sido um dos mais maltratados e humilhados da história.

<sup>4</sup> A pobreza não diz respeito apenas à vida material. Também pode ser a privação de amizades, a falta de um sentido para a vida, a ausência de acesso a riquezas como a poesia, a música, a arte e a tudo o que nos abre à beleza da criação.

verdades, mas uma relação com Deus.<sup>8</sup> É um apelo para que nos voltemos para a luz de Deus.

Longe de nos tornar subservientes ou sufocar a realização pessoal<sup>9</sup>, a fé em Deus torna-nos livres: livres do medo, livres para uma vida ao serviço daqueles que Deus nos confia.<sup>10</sup>

Quanto mais cresce a confiança em Deus mais o coração se alarga a tudo o que é humano, em todo o mundo, em todas as culturas, acolhendo também as ciências e as técnicas que permitem aliviar o sofrimento e desenvolver as sociedades.

Deus, tal como o sol, é demasiado deslumbrante para que possamos olhar para ele. Mas Jesus deixa transparecer a luz de Deus. Toda a Bíblia nos conduz a esta confiança: Deus, absolutamente transcendente, entra na nossa realidade humana e vem falar-nos numa linguagem acessível.

Qual é a especificidade da fé cristã? A pessoa de Jesus e uma relação viva com ele. Nunca o compreenderemos totalmente.

## CRISTO DE COMUNHÃO

Somos todos peregrinos, à procura da verdade. Acreditar em Cristo não significa possuir a verdade, mas deixar-nos alcançar por ele, que é a verdade, e caminhar em direcção à sua plena revelação.

O que é e permanecerá a grande novidade, surpreendente, é que Jesus comunicou a luz de Deus através de uma vida muito simples. A vida divina tornava-o

<sup>8</sup> O Papa Bento XVI tem sublinhado várias vezes que uma relação pessoal com Deus é o fundamento da fé; por exemplo, quando escreveu: «Não somos cristãos em resultado de uma decisão ética ou de uma grande ideia, mas por causa do encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com ele, uma orientação decisiva.» (Bento XVI, *Deus caritas est*, Introdução, nº1)

<sup>9</sup> A nossa fé precisa de ser constantemente purificada das projecções e dos medos, por vezes através de um combate interior que se desenvolve entre a dúvida e a confiança. A inteligência participa neste combate e não se satisfaz com simples repetições. Assim, hoje, há muitos jovens que não se contentam com uma referência às tradições da Igreja; para motivar a confiança da fé, uma adesão e uma convicção pessoais são para eles indispensáveis.

<sup>10</sup> Comentando as palavras do apóstolo Paulo «livre em relação a todos, fiz-me servo de todos» (1 Coríntios 9,19), Martinho Lutero escreveu: «O cristão é um homem livre, senhor de todas as coisas; não está submetido a ninguém. O cristão é um servo cheio de obediência e submete-se a todos.» (Lutero, em *A liberdade do cristão*).

ainda mais humano.<sup>11</sup> Ao expressar-se plenamente na simplicidade de uma vida humana, Deus renova a sua confiança na humanidade e torna-nos capazes de acreditar no homem. Desde então, não podemos desesperar nem por causa do mundo nem por causa de nós próprios.

Ao aceitar uma morte violenta sem responder com violência, Jesus levou o amor de Deus onde só havia ódio.<sup>12</sup> Na cruz, ele recusou o fatalismo e a passividade. Até ao fim, ele amou e, apesar do carácter absurdo e incompreensível do sofrimento, manteve a confiança de que Deus é maior do que o mal e de que a morte não teria a última palavra. Paradoxalmente, o seu sofrimento na cruz tornou-se o sinal do seu amor infinito.<sup>13</sup>

E Deus ressuscitou-o. Cristo não pertence apenas ao passado, ele está presente para nós, em cada dia. Ele comunica-nos o Espírito Santo, que nos faz viver da vida de Deus.

O centro da nossa fé é Cristo Ressuscitado, que está presente no meio de nós e mantém uma relação pessoal de amor com cada pessoa. Olhar para ele faz nascer o espanto e uma compreensão mais profunda da nossa vida.

Quando, na oração, olhamos para a sua luz, ela vai-se interiorizando, pouco a pouco, dentro de nós. O mistério de Cristo torna-se o mistério da nossa vida. Talvez não se dissolvam as nossas contradições interiores e os nossos medos. Mas, pelo Espírito Santo, Cristo penetra naquilo que nos inquieta em nós mesmos, a tal ponto que as trevas se iluminam.<sup>14</sup>

<sup>11</sup> Jesus não era um grande asceta. Fazia milagres e, sobretudo, curava doentes, mas no momento decisivo em que teve de provar que era o enviado de Deus, na cruz, houve um silêncio de Deus, silêncio que ele aceitou partilhar com todos os que sofrem. Os discípulos tinham dificuldade em compreender que Jesus fosse um messias pobre. Eles esperavam talvez que ele mudasse as condições sociais ou políticas da época e não percebiam que ele tinha vindo em primeiro lugar para arrancar o mal pela raiz.

<sup>12</sup> «Ao ser insultado, Cristo não respondia com insultos; ao ser maltratado, não ameaçava, mas entregava-se àquele que julga com justiça.» (1 Pedro 2,23)

<sup>13</sup> Perante o incompreensível sofrimento dos inocentes, ficamos muitas vezes desconcertados. E a pergunta, o grito, que atravessa a história humana toca o nosso coração: onde está Deus? Não temos uma resposta pronta, mas podemos confiar--nos a Cristo, que venceu a morte e que nos acompanha no sofrimento.

<sup>14</sup> Sendo um olhar para a luz de Deus, a oração também é escuta. Pelas Escrituras, compreendemos que Deus é quem nos fala e, por vezes, nos interroga. E, por vezes, Cristo é para nós o pobre que espera ser amado e que nos diz: «Eu estou à porta e bato.» (Apocalipse 3,20)